

LIBERDADE E CIRCUNSTÂNCIA: IMPLICAÇÕES NA OBRA *MEDITAÇÕES DO QUIXOTE*

FREEDOM AND CIRCUMSTANCE: IMPLICATIONS IN THE WORK *MEDITATIONS ON QUIXOTE*

DOI [10.5281/zenodo.10425929](https://doi.org/10.5281/zenodo.10425929)

LEONAN GUSTAVO GENGHINI DA CRUZ¹; LUÍS FERNANDO CRESPO.

¹ Universidade São Francisco. E-MAIL: leonangcruz@gmail.com

² Doutor em Filosofia, Coordenador e Docente na Universidade São Francisco. E-mail: crespo.lf@gmail.com

RESUMO

Ao longo da história da filosofia ocidental, um problema recorrente é o da liberdade humana – se ela é absoluta ou não. O presente artigo tem como proposta analisar a possibilidade da liberdade, segundo José Ortega y Gasset, em sua obra *Meditações do Quixote*, considerando-se que ele a relaciona à circunstância. Ainda que circunstancial, a liberdade do sujeito se efetivaria, embora apenas em um cenário dado; ou seja, por mais que o ser humano tenha diversas possibilidades, a liberdade sempre será limitada pela circunstância. Será possível perceber que a circunstância é aquilo que dá margem para o indivíduo poder moldar seu projeto de vida, que irá caracterizar o chamado *raciovitalismo*, pois, se bem compreendida a circunstância, o sujeito pode não só modificá-la, mas também agir seguindo aquilo que ele tem como vocação.

Palavras-Chave: Liberdade; circunstância; raciovitalismo; vocação.

ABSTRACT

Throughout the history of Western philosophy, a recurring problem is that of human freedom – whether it is absolute or not. This paper aims to analyze the possibility of freedom, according to José Ortega y Gasset, in his work *Meditations on Quixote*, considering that he relates it to the circumstance. Even if circumstantial, the subject's freedom would be effective, although only in a given scenario; in other words, no matter how many possibilities human beings have, freedom will always be limited by circumstance. It will be possible to see that the circumstance is what gives room for the individual to be able to shape their life project, which will characterize the so-called ratio-vitalism, because, if the circumstance is well understood, the subject can not only modify it, but also act following that which he has as vocation.

Keywords: Freedom; circumstance; ratio-vitalism; vocation.

Introdução

Na obra *Meditações do Quixote* (1914), José Ortega y Gasset (1883-1955) escreveu uma de suas mais conhecidas frases: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não salvo a mim” (Ortega y Gasset, 2019, p. 32). A partir daquele momento, o filósofo espanhol não separou mais o ser humano de sua circunstância, estando os dois indissolivelmente unidos, afetando um ao outro. Com tal ideia, o autor se depara com um impasse a ser pensado: se a circunstância atinge a vida do ser humano, ele tem liberdade em suas escolhas?

A liberdade é um tema recorrente no pensamento filosófico ocidental, restando como questão aberta se o ser humano teria, realmente, a liberdade em um estado absoluto, ou se alguma variável psicológica, social ou até mesmo biológica o impediria de ter uma liberdade plena. Ao ser tomada a filosofia ocidental como referência, a discussão sobre o assunto vem desde a Grécia Antiga: “Para a primeira concepção, de L. absoluta, incondicional e, portanto, sem limitações nem graus, é livre aquilo que é causa de si mesmo. Sua primeira expressão encontra-se em Aristóteles” (Abbagnano, 2007, pg. 606).

Ortega y Gasset desenvolve o tema da liberdade, entendendo que ela não pode ser negada, apesar de ser afetada pela circunstância; todo ser humano se vê lançado na vida, situação dentro da qual sempre haverá diversas possibilidades de escolha – em tal espaço é que o indivíduo será livre para tomar suas decisões. Aqui, aparece de maneira singular o tema da circunstância que, caso não seja efetivamente compreendida pelo sujeito, este terá a liberdade afetada; por isso, no pensamento orteguiano, entender a própria circunstância é saber salvar as próprias escolhas.

Metodologia

O presente artigo tem por objetivo compreender de que maneira a circunstância afeta a liberdade humana. Para tanto, utilizou-se primeiro de uma análise do que sejam propriamente os conceitos “circunstância” e “liberdade” para o autor. Apenas

depois disso é que foi analisado como o indivíduo deve usar sua liberdade em meio à circunstância. Com o pensamento do filósofo espanhol, inaugura-se o chamado raciovitalismo.

O trabalho faz uma abordagem descritiva sobre o problema apresentado, por meio de uma revisão teórica do conteúdo. Para isso, fez uma análise da obra *Meditações do Quixote*, com ênfase maior na segunda parte de seu livro, chamada de Meditação Preliminar, pois nesse ponto, Ortega y Gasset analisa o próprio ser humano em ação, apresentando conceitos chaves para entender a liberdade humana. Para um melhor entendimento e maior desenvolvimento da temática, também são trazidos outros materiais, a saber, livros, artigos e outras produções acadêmicas, com o intuito de que permitam maior aprofundamento sobre o pensamento orteguiano de forma geral, bem como sobre o problema a ser trabalhado nesse texto, o da liberdade circunstancial.

Discussão

I. Circunstância

Entender o que é a circunstância no pensamento de Ortega y Gasset se torna fundamental para compreender não só sua relação com a liberdade, mas também para se chegar ao propósito principal de sua filosofia, que é a vida humana, pois, ao publicar sua obra *Meditações do Quixote*, em 1914, o pensador se afasta daquela que foi sua principal maneira de enxergar a realidade durante anos, o idealismo. A partir desse livro, o filósofo madrileno busca uma nova compreensão ontológica da realidade, cujos questionamentos não eram respondidos pelo idealismo. Afirmar que a realidade se dá através do pensamento do sujeito, na visão de Ortega y Gasset, é falso, e, portanto, deve ser superado. Desse modo, seu novo modo de perceber a realidade apresenta um elemento essencial para o filosofar: a circunstância, realidade indissolúvel para se enxergar a vida.

Em um primeiro momento, Ortega y Gasset apresenta a circunstância no seu livro como o entorno do corpo humano,

Ele [o conceito] aparece pela primeira vez na introdução de *Meditações do Quixote* (1914). Naquele livro o conceito representa o entorno do corpo, coerente com a descoberta da ciência biológica que no seu tempo estuda o organismo num meio particular (Carvalho, 2009, p. 332).

Nesse sentido, o corpo e o meio tinham uma relação direta um com o outro. Entretanto, ainda no seu livro *Meditações do Quixote*, e, posteriormente, de forma mais aprofundada em outras obras, Ortega y Gasset já amplia a visão do que seja a circunstância.

A circunstância é tudo aquilo que afeta o indivíduo, ou seja, sua cultura, família, vida psíquica, experiências passadas e tudo mais que está em contato com o ser humano – ela já está contida dentro da vida do indivíduo desde o seu nascimento:

Ao nascer, o indivíduo já encontra a circunstância posta (existente), o mundo aí está, de modo que a única escolha possível é como vivenciar a circunstância, que, por sua vez, se revela num lugar e tempo específicos, numa cultura e família (num sentido amplo) específicas, como também em tudo o mais que está posto (Magalhães e Caldeira, 2018, p. 61).

Essa visão acerca da circunstância apresentada por Ortega y Gasset, mostra que não é possível mais pensar o ser humano de forma separada da circunstância, porque ela afeta o indivíduo o tempo todo:

O *ser* do homem está associado ao mundo, e os dois formam uma unidade na junção do *eu* e *circunstância*. O eu somente pode ser compreendido se atado a uma *circunstância*, não existe jamais um *eu puro*, mas sempre um *eu circunstanciado*; existir é estar no mundo, que se configura imediatamente como um contorno para o homem: “eu e o mundo somos um para o outro” (Heleno, 2019, pg. 160).

Ortega y Gasset não enxerga a circunstância de forma passiva na vida do indivíduo, mas como influenciadora direta nas decisões humanas, podendo ser tanto positiva quanto negativa, o que mostra a importância de o ser humano conhecer sua circunstância, para agir de modo que ela lhe favoreça e não seja um fardo. Ainda que a vida e circunstância sejam diferentes, não dá para se pensar uma isolada da outra; nesse sentido, falar da vida é dizer o que se vai fazer com a própria circunstância.

Cada indivíduo deve tentar compreender sua circunstância para viver conforme ela lhe aparece; apesar disso, a circunstância é uma realidade que nem sempre se manifesta da forma que é dada à primeira vista. No discurso sobre o bosque, em *Meditações do Quixote*, o espanhol analisa o bosque à sua volta, e mostra que há dois níveis de realidade: o patente e o latente. O mundo patente é aquele que aparece através das primeiras impressões sensoriais, entretanto o latente também é o mundo já dado, todavia ele é apresentado de forma mais profunda, ou seja, o indivíduo necessita olhar a realidade de forma mais aprofundada para enxergar algo que já está na sua frente, fazendo com que o latente se torne patente a todo o momento que é descoberto. Nas palavras do próprio Ortega y Gasset:

Ensinou-me esta floresta que há um primeiro plano de realidades o qual se impõe a mim de uma maneira violenta; são as cores, os sons, o prazer e a dor sensíveis. Ante esse plano, minha situação é passiva. Mas atrás dessas realidades aparecem outras, como em uma serra os perfis de montanhas mais altas quando chegamos aos primeiros contrafortes. Erigidos uns sobre os outros, novos planos de realidade cada vez mais profundos, mais sugestivos, esperam que ascendamos a eles, que penetremos até eles. Mas essas realidades superiores são mais pudicas: não se atiram sobre nós como sobre presas. Ao contrário, para fazerem-se patentes nos cobram uma condição: que queiramos sua existência e lutemos por elas (Ortega y Gasset, 2019, p. 54).

Como forma de compreender a realidade latente, Ortega y Gasset, ainda discursando sobre o bosque, dá um exemplo de como enxergá-la, pois, afinal, se em um primeiro momento a realidade é dada de forma patente e o latente está contido nesse mundo patente, poderia se questionar como é possível ter acesso a essa realidade mais profunda do indivíduo. Para tanto, Ortega y Gasset se vale dos sons do bosque para exemplificar, pois ao escutar o barulho dos arroios e papa-figos ao mesmo tempo, se escutado de forma superficial, em sua latência, parece não haver jeito de discernir um do outro, pois aparentam ser o mesmo barulho, como o próprio Ortega y Gasset afirma,

Se me limito a recebê-los passivamente em minha audição, estes dois pares de sons são igualmente presentes e próximos. Mas a diferente qualidade sonora de ambos os pares me convida a distanciá-los, atribuindo-lhes distinta qualidade espacial (Ortega y Gasset, 2019, p. 52).

Dessa maneira, Ortega y Gasset propõe escutar o som novamente de modo não mais passivo, mas ativo, fazendo possível a distinção um do outro, e o que, em um primeiro momento, parecia escondido, agora se torna presente. Significa que o latente se torna patente por meio do esforço humano.

Os homens que não buscam a profundidade das coisas vivem naquilo que Ortega y Gasset vai chamar de vida sensual, ou seja, eles apenas se importam com as aparências, e justamente por isso, a sensibilidade da vida agrada essas pessoas. Por outro lado, aquele que busca a profundidade da vida, é o homem meditativo, que para Ortega y Gasset, pode compreender melhor a sua circunstância, e esses homens fazem isso mediante conceitos:

Quando, além de sentir a floresta ao nosso redor como um misterioso abraço, temos o conceito de floresta, que ganhamos com isso? De imediato, o conceito se nos apresenta como uma repetição ou reprodução da coisa mesma, esvaziada em uma matéria espectral (Ortega y Gasset, 2019, p. 82).

O conceito traz essa importância no pensamento orteguiano para o homem meditativo, pois ao criar conceitos, por mais que o ser humano não possa se limitar a isso, ele consegue enxergar a profundidade da vida, de forma que as coisas guardem uma relação entre si, e organizem sua realidade, pois o homem sensual se limita frente à sua realidade patente:

O homem sensual tem como limite a singularidade das coisas, que, para Ortega, é a forma mais pobre de se considerar a realidade, pois, uma coisa em seu isolamento é “pobre, estéril e turva”. O homem meditativo considera a realidade como a relação que todas as coisas guardam entre si, captadas mediante o conceito; essa é a profundidade de algo e o elo de reflexo das demais coisas. Profundidade é empreender uma compreensão da realidade que escapa aos sentidos, é fugir da fria materialidade do objeto e procurar o seu sentido na “sombra mística que sobre ele verte o resto do universo” (Helena, 2019, p. 175)

Vale ressaltar que, mesmo buscando a profundidade da realidade, ainda assim, nem tudo se apresenta ao indivíduo, já que não se trata de uma ação automática nem simples; daí depreende-se que a circunstância no pensamento orteguiano não é de simples compreensão. Todavia, por mais árduo que pareça, o ser humano necessita compreender sua circunstância porque, para Ortega y Gasset, só é possível alcançar

os próprios objetivos, atingir seu máximo e viver melhor, se o indivíduo entender o seu entorno. Já que a realidade do ser humano consiste no eu-circunstância, ter ciência de sua circunstância tem um peso fundamental na vida humana, visto que isso leva o indivíduo a enxergar uma realidade aberta em suas possibilidades, ainda que circunstancial. A circunstância não só leva o ser humano a entender sua realidade, mas a compreender o que seja a própria vida.

II. Liberdade Circunstancial

Como já mencionado, a vida é posta aqui em uma relação de coexistência com a circunstância, pois “viver significa, na compreensão de Ortega, intimidade consigo e com as coisas” (Da Costa, 2020, p. 168); uma relação que se dá como interdependente entre o eu e o mundo. Existir é, assim, coexistir. A liberdade também tem uma relação direta com a circunstância, o que a faz ter uma participação nas decisões do indivíduo. Essa relação apesar de não tirar a liberdade, guarda uma fatalidade, pois, para Ortega y Gasset, o ser humano quando escolhe uma possibilidade em detrimento de outra, faz isso na sua liberdade. Todavia, o indivíduo escolhe sempre dentro de um cenário inevitável – em outras palavras, dentro de sua circunstância, o que é uma fatalidade, pois a liberdade está condicionada à circunstância.

Visto que a liberdade é condicional à circunstância, o filósofo madrileno posiciona a circunstância como a margem que a pessoa tem para exercer sua liberdade, pois uma vez que Ortega y Gasset vê a liberdade dentro de uma fatalidade que se deu, ela consiste em um drama. Essa situação ocorre porque o “homem” não pediu para estar no mundo; vir à vida em um contexto determinado por cultura, crença e condição social não foi uma escolha do sujeito, e isso compromete sua liberdade” (Heleno, 2019, p. 138). Viver nesse drama faz com que o indivíduo esteja sempre diante de uma imprevisibilidade; já que não é possível renunciar a essa dramaticidade, o ser humano necessita conhecer sua circunstância para exercer a liberdade.

Como o ser humano precisa exercer sua liberdade dentro da circunstância, caso ele não a aceite, a vida pode se tornar um fardo. Justamente por essa razão, aceitar a circunstância inevitável faz a vida ser mais leve, afinal, por ser livre, o

indivíduo pode modificar sua circunstância; entretanto reconhecê-la é o primeiro passo para isso acontecer, pois se pode afirmar que:

O reconhecimento da vida surge com o reconhecimento da circunstância, pois, segundo Ortega, a vida é, antes de tudo, um encontrar-se no mundo. Ao encontrar-se com o mundo vigente, o homem produz outros mundos, de acordo com o que encontra, partindo das convicções do seu tempo. O mundo é o que o homem faz material e mentalmente para assegurar a sua existência, sendo a vida o conjunto de fazeres, ações e comportamentos criados pelo homem. É o que se faz a cada instante e esse fazer não é, na perspectiva de Ortega, um fazer da consciência, mas sim da própria vida, que requer que o homem a reconheça e a realize dentro de um campo de possibilidades (Da Costa, 2020, p.170).

Ao aceitar sua própria circunstância, o homem consegue exercer melhor sua liberdade, pois, ainda que ele recuse sua circunstância, ela não deixará de existir; viver desse modo é uma escolha do indivíduo. Mesmo assim, tal escolha não o ajuda, visto que, para Ortega y Gasset, as pessoas que vivem desse jeito não têm a própria vida sob controle, e se tornam pessoas comuns, executando apenas o papel que a sociedade lhes impõe, resultando no que mais tarde ele chamará de homem-massa.

Mesmo quando o indivíduo aceita sua circunstância, isso não tira a preocupação que ele tem com a vida. Isto ocorre por conta das instabilidades próprias da vida do sujeito, pois, por mais que ele trace um caminho a trilhar, a vida não é certa como uma flecha em direção ao alvo, ela vai apresentar situações que não estão conforme o planejado. Ortega y Gasset deixa claro a importância de conhecer sua própria circunstância, para o indivíduo também saber como agir quando não ocorre o programado. Nessa linha de raciocínio, o pensador olha a vida como uma decisão que precisa ser tomada a cada momento, visto que cada decisão feita pode fazer com que o sujeito seja aquilo que ele deseja ser ou não. Quando o ser humano escolhe uma possibilidade e descarta outra dentro de sua circunstância, ele age e se constrói em sua liberdade.

III. Liberdade no raciovitalismo

Quando Ortega y Gasset coloca a circunstância como indissociável do ser humano, ela ganha um caráter original no pensamento filosófico. Todavia, como já

mencionado antes, a questão principal da filosofia de Ortega y Gasset é a vida – afinal, a circunstância só tem essa importância, pois ela se relaciona diretamente com a vida humana. Com isso, o filósofo, ao falar que o indivíduo deve salvar sua própria circunstância, na realidade está dizendo como salvar a própria vida; ou seja, salvar não seria algo transcendental e religioso, mas saber fazer as escolhas certas na vida presente, de modo que elas compactuem com aquilo que o indivíduo tenha como projeto de vida. Assim, ao olhar a vida como princípio fundamental da filosofia, o filósofo inaugura, a partir de seu livro *Meditações do Quixote*, um novo meio de pensar: o *raciovitalismo*.

O raciovitalismo consiste em entender a vida como realidade radical: o que vem primeiro é o viver, todas as outras coisas surgem depois. Na decomposição da palavra, *racio* significa razão, e *vitalismo* seria a própria vida posta de forma radical, que é o que tem de principal no ser humano. Nessa junção, a razão ganha uma natureza de instrumento para análise da vida, que na visão de Ortega y Gasset é algo irrenunciável, afinal, ao pensar a vida, se pensada de forma aleatória, poder-se-ia cair em um pensamento irracional. Por sua vez, isso não condiz com a filosofia de Ortega y Gasset, pois ele coloca a razão como mediadora para encontrar sentido na vida humana: “O animal, por exemplo, não faz da vida um problema porque, embora viva, não se dá conta de que vive. A vida cuja consistência reside em ‘dar-se conta’ e ‘dar conta de’ traz em si, radicalmente, o sentido originário do conceito de ‘razão’” (Aguiar, 2012, p. 120). Além do mais, isso não significa dizer que Ortega y Gasset se tornou um racionalista, pois afinal, a razão por ser apenas reguladora, não consegue esgotar toda a explicação da realidade como afirmam os racionalistas, pois a razão é apenas uma das várias dimensões apresentadas na realidade radical do indivíduo.

Se, para Ortega y Gasset, a vida é a principal realidade que existe, é preciso encontrar sentido nela fazendo um projeto de vida, ou seja, por o ser humano ter a capacidade de pensar e se imaginar no futuro, ele consegue se projetar de tal forma que a sua imaginação crie maneiras de se pensar a realidade:

O filósofo reforça a dimensão projetiva da vida como uma atividade vital que não pode ficar restrita a um simples mecanismo cognitivo. O pensar aparece então como a necessidade humana de elaborar a própria vida e, ao mesmo tempo, como a capacidade de realizar suas escolhas (Da Costa, 2020, p.173).

Para que isso ocorra, é necessário não só entender sua própria circunstância como já apontado, mas compreender também o que seja a própria vida humana, pois:

A vida, enquanto conceito, possui tal extensão que, mesmo para se falar de Deus, máxima realidade para o crente, é preciso supor a existência humana: “Deus mesmo, se existe, começará existindo de alguma maneira na minha vida”. Entendendo a vida humana, posso entender qualquer outra realidade que me é dada, pois a vida se configura como a realidade mais absoluta. Assim, não há outro caminho a não ser considerar o pensamento e a própria filosofia como função da vida, e é sobre essa via que Ortega constrói sua própria filosofia, pois viu tudo isso “antes e com mais clareza que ninguém” (Heleno, 2019, p. 126).

A vida colocada dessa maneira faz o ser humano concentrar-se no seu projeto de vida, “‘Viver é o que ninguém pode fazer por mim’, e isto é um fato, não uma abstração idealista. A vida é a realidade primeira e quem quiser propor uma outra, como o pensamento, por exemplo, ‘verá que é impossível’” (Heleno, 2019, p. 135). Justamente por isso, pensar outra realidade anterior à vida, ou alguma realidade que não contenha a vida, é impossível. A vida passa a ter um valor em si mesma, pois ela não é estática como um objeto; pelo contrário, ao viver, há sensações e sentimentos que lhe dão movimento. Portanto, toda realidade ganha uma função vital, inclusive a liberdade do ser humano, que deve ser pensada através de uma liberdade vital.

O ser humano, por ter a liberdade e ser capaz de pensar seu projeto de vida através dela, acaba tendo sempre um horizonte aberto; nesse sentido, poder-se-ia entender que o pensamento de Ortega y Gasset em relação à liberdade se assemelha, em certo sentido, ao de Jean-Paul Sartre, pois afinal, para o filósofo francês,

O homem é livre à medida que pode livremente decidir o seu próprio comportamento, escolhendo os seus próprios valores, elaborando os próprios projetos e, deste modo, assumindo uma determinada atitude em relação ao próprio futuro, presente e passado (Gois, 2015, p. 15).

Entretanto, por mais que *a priori* possa ter características em comum, visto que o ser humano precisa se moldar em sua liberdade, o que fica bem claro na célebre passagem de Jean-Paul Sartre é “o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz”

(Sartre, 2014, p. 18). O que difere o pensamento do francês com o de Ortega y Gasset, é a circunstância envolta no indivíduo, que como já mencionado, não só dá uma originalidade na filosofia orteguiana, mas também é determinante na liberdade do sujeito, pois afinal, como afirma o próprio Ortega y Gasset, isso é uma fatalidade.

A circunstância, sendo influenciadora na liberdade humana, pode parecer algo ruim, se o indivíduo pensar que isso é capaz de atrapalhar o seu projeto de vida. Entretanto, a circunstância dá a margem necessária para o sujeito se construir dentro da liberdade circunstancial que ele tem, e mesmo ela colocando um limite na liberdade humana, ela não impõe o que o sujeito vai ser.

O homem é, pois, pura expectativa, e sua vida, puro projeto. Por isso, a vida é drama, luta que nos obriga a uma atuação imprevista. Assim, em vez de um 'que fazer' já pronto, somos solicitados a inventar a vida, a nossa vida. Cabe a nós inventarmos, na pauta de nossa circunstância, quem vamos ser. (Aguilar, 2012, p. 120).

Assim, como a vida é um projeto aberto, o ser humano deve saber que mesmo com a sua circunstância envolta, ela não determina a sua liberdade de ser o que ele tem como projeto de vida, pois esse projeto consiste no que Ortega y Gasset vai chamar de “vocação”; ou seja, por o ser humano ter a capacidade através da razão de se ver em um projeto futuro, a vocação corresponde à possibilidade de o indivíduo ser aquilo que ele almeja ou não, além do mais:

Ortega ainda acrescenta que a vocação é um chamamento pessoal, pois ela implica o chamado à realização do que atende ao pessoal enquanto construção de um modo de ser que corresponde a uma identificação do projeto com o indivíduo. A capacidade que o homem tem de criar a si e a realidade é o que lhe possibilita assumir o papel de protagonista de sua história, sendo que sua escolha será autêntica se atender a esse chamado ontológico (Da Costa, 2020, p.174).

Ser protagonista de sua história é uma característica que o ser humano tem ao tomar decisões que irão garantir uma vida autêntica com a sua vocação, ou não.

O momento de decisão refere-se à realização, através da qual é obrigado a escolher entre as diversas possibilidades, dentre as quais a que permitirá ser plenamente aquilo que tem que ser, ou seja, realizar segundo a sua vocação o que representa o seu eu autêntico,

ou também as que se inserem na completa alienação, este é o momento da decisão (Gonçalves Jr. 2015, p. 53).

Isso é possível, pois o indivíduo é livre para escolher se ele quer que a circunstância o modifique, ou o contrário. Ortega y Gasset deixa isso claro em uma passagem do seu livro *Meditações do Quixote*, na qual, ao fazer uma análise sobre romances, ele compara o homem que não se deixa levar pela circunstância com um herói:

Os homens de Homero pertencem ao mesmo universo que seus desejos. Aqui temos, ao contrário, um homem que quer reformar a realidade. Mas não é ele uma porção dessa mesma realidade? Não vive dela, não é uma consequência dela? Como pode aquilo que não é – o projeto de uma aventura – governar e compor a dura realidade? Talvez não o possa, mas fato é que há homens decididos a não se contentar com a realidade. Aspiram a que as coisas tomem um rumo distinto: negam-se a repetir os gestos que o costume, a tradição, em uma palavra, os instintos biológicos os forçam a fazer. Chamamos esses homens de heróis. Porque ser herói consiste em ser *um*, em ser ele mesmo. Se resistimos a que a herança, a que o circunstante nos imponha determinadas ações, é porque buscamos assentar em nós, e só em nós, a origem de nossos atos. Quando o herói quer, não são os antepassados nele, ou os usos do presente que querem, e sim ele mesmo. E esse seu querer ser ele próprio é a heroicidade (Ortega y Gasset, 2019, p. 141).

A vida olhada dessa maneira por Ortega y Gasset, ganha sentido quando o ser humano aceita sua circunstância, pois conhecendo-a, ele pode não só modificá-la, mas construir seu projeto vital, ou seja, aquilo que ele tem como vocação; e isso só é possível porque o ser humano é livre, afinal, todos precisam transformar essa necessidade em liberdade. Quanto mais se nega ou não conhece sua circunstância, mais se está perdido na vida, portanto, liberdade bem entendida não é fazer o que se quer, mas entrar em consonância com aquilo que o indivíduo já deveria ser, “Ortega propõe a todos e, especialmente aos jovens, o mote que por um tempo tornou-se princípio de todos os princípios morais ‘torna-te quem tu és’” (Heleno, 2019, p.144). Assim, a vida ganha um caráter positivo para Ortega y Gasset, pois frente toda a fatalidade guardada diante da liberdade circunstancial, é possível fazer dela um verdadeiro projeto de vida autêntico.

Conclusões

Sendo a liberdade um tema contumaz na filosofia contemporânea, ela também se mostrou presente no pensamento de Ortega y Gasset. A partir de seu livro *Meditações do Quixote*, o filósofo espanhol apresentou uma nova maneira de enxergar a realidade onde o ser humano não poderia pensar sua vida sem o seu entorno, ou seja, as circunstâncias afetam diretamente a vida do indivíduo. Nessa linha de pensamento, foi possível observar que a circunstância é fator determinante nas ações dos seres humanos, pois ainda que negada ou não vista de forma totalmente nítida, ela não deixa de existir.

A circunstância, porém, não significa uma forma de exclusão da liberdade; como o autor a apresenta, o que acontece é que a liberdade está ligada de forma direta com a circunstância, portanto ela também é circunstancial, mas como o indivíduo necessita fazer decisões (afinal, não é a circunstância que escolhe o que fazer, mas sim o próprio sujeito), a liberdade se faz necessária. Desse modo, a liberdade existe e se faz presente quando o ser humano escolhe uma ação ao invés de outra.

Assim, para além da circunstância que tem relação com a liberdade, foi possível notar que ela também ganha um caráter vital na filosofia de Ortega y Gasset. Ao exercer sua liberdade, o indivíduo precisa agir de modo tal que ela não seja um fardo, mas sim condizente com aquilo que ele tem como projeto de vida; somente aceitando a própria circunstância, é que é possível se construir em sua liberdade, fazendo aquilo que se tem como vocação.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DA COSTA, E. F. Liberdade e circunstância: A dialética da vida biográfica frente o drama da indeterminação ontológica. **Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 164–178, 2020. DOI: 10.48075/aoristo.v3i1.24882. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/aoristo/article/view/24882>. Acesso em: 8 set. 2023.

DE CARVALHO, José Maurício. O conceito de circunstância em Ortega y Gasset. **Revista de Ciências Humanas**, v. 43, n. 2, p. 331-345, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/2178-4582.2009v43n2p33>. Acesso em: 8 set 2023.

GOIS, C. Sartre: da consciência do ser e o nada ao existencialismo humano. **Reflexão**, [S. l.], v. 32, n. 91, 2015. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3067>. Acesso em: 8 set. 2023.

GONÇALVES JR., A. F. Pressupostos para o agir moral segundo Ortega y Gasset. **Reflexão**, [S. l.], v. 28, n. 83/84, 2015. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3212>. Acesso em: 8 set. 2023.

HELENO, Gilberto. **Ortega y Gasset**. São Paulo, SP: Ideias & Letras, 2019.

MAGALHÃES, C. K.; SILVA, F. A. da; CALDEIRA, G. A circunstância em José Ortega y Gasset: aproximações ao inconsciente junguiano. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 58-66, 2018. DOI: 10.1590/0103-656420170080. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/145551>. Acesso em: 8 set. 2023.

NOGUEIRA AGUIAR, E. A psicoterapia diante da liberdade humana: uma discussão orteguiana. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 111-124, 30 abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4883>. Acesso em: 8 set 2023.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações do Quixote**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 4. Petrópolis, RJ: Vozes De Bolso, 2014.